

## Um Machado entre dois Brasis\*

*Ivan de Bruyn Ferraz\*\**

### Resumo

O objetivo deste artigo é o de confrontar as abordagens da obra de Machado de Assis realizadas por Roberto Schwarz e José Miguel Wisnik. Constatando-se o privilégio dado por ambos os críticos à experiência histórica brasileira na constituição da escrita do autor, interessar-nos-á, especialmente, o cotejamento do conceito de “ideias fora de lugar” - identificado por Schwarz na formação da cultura nacional e no cerne de sua compreensão de Machado – com o de “lugar fora das ideias”, elaborado por Wisnik a partir do primeiro, num movimento que – partindo daquela mesma formação – contesta-o ao assimilá-lo.

### Palavras-chave

Machado de Assis; Roberto Schwarz; José Miguel Wisnik; cultura brasileira.

### Abstract

The aim of this article is to confront the approaches to Machado de Assis' work performed by Roberto Schwarz and José Miguel Wisnik. Noting up the privilege given by both critical to the Brazilian historical experience in the constitution of the author's writing, we will pursue the comparison of the concept of "misplaced ideas" - identified by Schwarz in the formation of national culture and at the core of his understanding of Machado - with the "place out of ideas", prepared by Wisnik from the first, challenging it while agreeing with it.

### Keywords

Machado de Assis; Roberto Schwarz; José Miguel Wisnik; brazilian culture.

---

\* Artigo recebido em 07/05/2015 e aprovado em 14/04/2016.

\*\* Aluno de doutorando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

DE UM LADO, AS “IDEIAS FORA DO LUGAR”. Do outro, partindo delas, assimilando-as ao confrontá-las, o “lugar fora das ideias”. Ambas de um mesmo Brasil. Um Brasil que é dois. Dois em um, decerto, mas ainda dois, “pressupondo um nexo contraditório que os sintetize numa unidade maior”, que, no entanto, não deixa de mostrar claramente “o sistema de ambiguidades de que tal unidade se alimenta.” (ARANTES, 1992, p. 74). Cravado nessa ambiguidade, um Machado. O mesmo porque ambíguo (ao menos na segunda fase). Também o mesmo porque, tanto num caso quanto no outro, bem fincado na experiência histórica brasileira. Mas quase dois, pois – diremos – de um lado soa quase marxista; e, do outro, quase tropicalista.<sup>1</sup> Estarão dialeticamente articulados? A bola está em jogo.

Além da literatura, José Miguel Wisnik dedica especial interesse, em seus estudos, à música popular e ao futebol. Como a própria combinação deixa entrever, a formação da cultura nacional é figura constante em suas pesquisas: “uma coalizão de interesses me leva de fato, ao ensaísmo de interpretação de cultura, cujo ponto de encontro e de fuga é o Brasil.” (WISNIK, 2004, p. 527) Nesse caminho, como não poderia deixar de ser, a obra de Roberto Schwarz – “cuja obra capital eu leio sublinhando cada palavra” (2004, p. 528) – lhe é incontornável. Em especial, o ensaio “As ideias fora do lugar” (SCHWARZ, 212b, p. 9-31), já consolidado como um clássico de interpretação da cultura nacional. Nele, como se sabe, o crítico identifica, em nossa experiência histórica dependente concomitantemente do mercado externo e do trabalho escravo, uma total incompatibilidade entre pensamento e efetividade, na qual o liberalismo prevalecia no discurso e o favor na prática, dando um sentido original à falsidade ideológica autóctone, na qual o teste da realidade não fazia nenhuma diferença para o discurso, que continuava seguindo as modas europeias enquanto mantinha a base social inalterada.

É a partir dessa concepção que Wisnik formula, num jogo de palavras bem a seu gosto, a expressão “lugar fora das ideias”, repetida em vários textos. Com ela, não

---

<sup>1</sup> “Marx reivindicara [...] a demonstração do caráter histórico da civilização do Capital, que não será eterna – como então se queria – nem expressa a natureza do homem, e muito menos a resume. De maneira indireta mas certa, [...], a literatura avançada da segunda metade do século XIX se empenhou em evidenciar esta mesma relatividade e usurpação. Uma vanguarda que ainda não deixou de ser atual e da qual faz parte Machado de Assis.” (SCHWARZ, 2012c, p. 217) “Quem quiser pode, [...], se souber, ouvir ao fundo, em Machado de Assis, o soneto da canção inaudível e ineludível, que o disfarce só reforça: *nego que sou nêgo, sonego que sou nêgo, sou nêgo...*” (WISNIK, 2004, p. 102, grifo do original)

pretende negar o fenômeno observado por Schwarz, mas superá-lo assimilando-o. Se para Schwarz a experiência histórica brasileira é vista invariavelmente de maneira negativa, tanto na prática – da escravidão e do favor – quanto na vida ideológica – que acabava rebaixada por sua incompatibilidade com a realidade, diminuindo as chances de reflexão –, Wisnik, por sua vez, sem negar a pertinência dessas colocações, enxerga, apesar delas, um lado positivo desenvolvido por essa mesma formação, visível não em sua totalidade, mas em áreas como a música popular, o futebol e parte da literatura. “É um desafio de grandeza – e ao mesmo tempo de sobrevivência coletiva, [...] – compreender que as expressões mais obscuras e terríveis da experiência brasileira participam do mesmo núcleo que gera suas expressões mais luminosas.” (2004, p. 530) Eis a versão do crítico do “sentimento dialético” que parece atravessar toda a experiência intelectual nacional. Daí a expressão “veneno-remédio” que dá título a seu último livro – dedicado ao futebol e ao Brasil (2008). O lugar fora das ideias não anula as ideias fora do lugar. Convive, conflita, confunde-se e compartilha com elas a mesma origem, o “paradoxo da escravidão brasileira como um mal nunca superado”, mas que, nessa versão, é ao mesmo tempo “um bem valioso em nossa existência, não pela escravidão enquanto tal – o que é óbvio e gritante aos céus –, mas pela amplitude de humanidade que ela desvelou.” (2008, p. 407)

Voltando o foco para Machado de Assis, ambos os críticos fincam o pé na experiência histórica brasileira. Óbvia em Wisnik, pelo que se disse; talvez filiação a Antonio Candido e tendência da crítica brasileira, nos dois casos<sup>2</sup>; e consequência, em Schwarz, da adesão à crítica marxista, para a qual “Em literatura, o básico [...] está na dialética de forma literária e processo social.” (2012b, p. 129) Daí que, para ambos os autores, características básicas do estilo do literato estariam associadas antes às peculiaridades próprias ao chão pátrio (com toda a incoerência que sua estruturação coerente com a ordem capitalista internacional implica) que à literatura universal (ainda

---

<sup>2</sup> Comentando a ascensão de Machado a grande nome da literatura universal, e notando, nesse movimento, uma diferenciação entre a crítica estrangeira – que não teria grandes interesses sobre as peculiaridades brasileiras contidas na obra do autor, já que sua entrada no cânone da literatura mundial se deveria a características universais que deixariam necessariamente marcas regionais em segundo plano – e a crítica nacional – que, cada vez mais, veria a composição do romance machadiano como formalização artística justamente do conjunto singular de nossa sociedade – Schwarz cita, em uma nota de rodapé, como parte dessa tendência no país, além de seus dois livros inteiramente dedicados ao escritor, ao lado de várias outras obras, o ensaio de Wisnik a respeito do conto “Um homem célebre”. (SCHWARZ, 2012a, p. 15)

que se ligue a ela)<sup>3</sup>: “A melancolia, o tédio, o desgaste, a desagregação e o nada – as famosas especialidades machadianas – formam o desdobramento involuntário, no próprio ser do narrador, da sequência de arbitrariedades socialmente balizadas que lhe constituem a narração” (SCHWARZ, 2012c, p. 203); “Não precisamos insistir no ceticismo radical que enforma a visão, sistematicamente ironizante, de uma história sem redenção, condenada ao eterno retorno do imaginário que, [...], gira em falso *ad aeternum*, perpetuando a iniquidade social.” (WISNIK, 2004, p. 97) O próprio Wisnik admite que “Machado de Assis tornou-se quase inseparável – depois de Roberto Schwarz – do equacionamento das ‘ideias fora do lugar’, isto é, dos desnivelamentos e disparates entre a escravidão cotidiana e a pretensão universalizante do liberalismo burguês que pautou as nações modernas.” (2008, p. 405)

Cabe então perguntar qual o ponto de virada em que o crítico intenta encontrar, nesse “Machado-veneno”, tão bem delimitado por Schwarz, o “Machado-remédio” que lhe serviria de contraponto, dando base a sua concepção geral. Aqui, cabe lembrar que enquanto Schwarz dedicou boa parte de sua carreira acadêmica ao estudo do autor, Wisnik dedicou-lhe apenas um ensaio (ainda que longo). De fato, tomando a obra de Machado como um todo, compartilhando da ideia que nela estaria expressa a catástrofe de nossa formação social desigual, tal empreitada talvez fosse impossível. Mas Wisnik escolhe a dedo, justamente, um conto em que Machado trabalha com maestria um lugar privilegiado de manifestação do que seria, segundo o crítico, o “lugar fora das ideias”: a música popular. Para que se compreenda o alcance do lance, é pertinente dar continuidade à citação anterior: ora, se Machado sintetiza as “ideias fora do lugar”, por outro lado, “o futebol brasileiro e Pelé são inseparáveis do ‘lugar fora das ideias’, o vetor inconsciente por meio do qual o substrato histórico e atávico da escravidão se reinventou de forma elíptica, artística e lúdica.” (2008, p. 405) A união de Machado de Assis e Pelé se daria pela herança africana em meio brasileiro compartilhada por ambos, fator central de sua compreensão do caso brasileiro: “Eu tendo a achar que a

---

<sup>3</sup> John Gledson (2005, p. 194), em resenha para o livro de Wisnik em que foi publicado, além de diversos outros textos, o ensaio “Machado Maxixe” (2004, p. 15-105), chega a colocar Roberto Schwarz como aquele que provavelmente teria tido maior influência “no estilo de pensar do autor”. No aspecto em que assinalamos, de fato, há uma semelhança na abordagem. Mas consideramos que, se é que se pode atribuir a alguém o papel de “maior influenciador” do estilo de pensar de Wisnik, o posto talvez coubesse melhor a Antonio Candido. Ou até a Caetano Veloso. Contudo, é fato, como já se disse, que Schwarz aparece em sua obra como referência incontornável; usando livremente termos dialéticos: momento de verdade necessário para a *aufhebung* promovida pelo “lugar fora das ideias”, como se verá.

originalidade brasileira está ligada à cultura mestiça” (2004, p. 491), donde, com relação ao bruxo do Cosme Velho, “é indubitável que essa condição social e racial, sem explicar a sua obra, toma parte decisiva e secreta nela.” (2008, p. 405) Assim, de maneira genérica, Machado seria revelador desse “vetor inconsciente” de enorme potencial criativo presente no Brasil, ligado à questão da mestiçagem. Sem ele, não se poderia explicar o surgimento de um escritor tão genial em ambiente social e intelectual tão sufocante: “se tomássemos o pessimismo social machadiano muito ao pé da letra, e em nível raso, o país que Machado de Assis descreve *não poderia sequer ter produzido ele mesmo*, tampouco a extraordinária potência das suas formulações.” (2008, p. 405, grifo do original)

De fato, ainda que se considere que Machado tenha surgido mais *apesar* do ambiente social que em função dele, é nele que encontrou os elementos da equação a se resolver de forma estética. Nisso poderíamos até encontrar algum apoio em Schwarz, que reconhece que o ceticismo diante das ideias liberais – que teve que ser penosamente construído em ambiente europeu, e lá se tornou possível apenas depois de 1848, quando os ideais supostamente universais tornavam-se claramente ideologia burguesa – aqui, onde aquelas ideias nunca realmente fizeram sentido, era “a singela descrença de qualquer pachola” (2000, p. 27). No entanto, para esse crítico, se tal situação constituía inegavelmente, para a literatura, um “labirinto singular” (2000, p. 21) a ser desvendado, “Vantagens não há de ter tido” (2000, p. 20). Para Wisnik, sim. Não exatamente na falta de relação entre ideia e efetividade em si, mas em “certa zona de indeterminação criada pela herança do escravismo miscigenante” (2008, p. 406) relacionada a ela, e que teria possibilitado, em Machado, “um salto da vida coletiva no talento individual”. E isso não seria um caso isolado: em algumas situações, o “lugar fora das ideias” brotaria das “ideias fora do lugar”, irradiando um brilho que – ainda que apenas em algumas áreas e em alguns momentos – seria capaz de ofuscá-las e superá-las. O que só aconteceria “quando as barreiras sociais gritantes e as barreiras veladas que dividem o Brasil se levantam de algum modo, como na estratégia evasiva e fulminante do ironista que viu tudo.” (2008, p. 406) E o lugar de quebra de barreiras foi, por excelência, neste país, a música popular. Não é à toa que o último trecho do ensaio de Wisnik dedicado ao conto de Machado de Assis tenha como tema menos o próprio conto que os intercâmbios entre o popular e o erudito promovidos ao longo da história na música brasileira. Daí que, se

o Machado das ideias fora do lugar está personificado na “volubilidade” de Brás Cubas, o Machado do lugar fora das ideias o está no “logro” de Pestana.

O grande achado de Machado, chave de Schwarz para o elo entre formação literária e social em seu *Um mestre na periferia do capitalismo*, está na “volubilidade” do narrador. Nela se identificando a fisionomia de classe do narrador, que universalizaria os esquemas de conduta da classe dominante brasileira, guiados pelo capricho, ditados ora pelo arsenal liberal lastreador de um pensamento *up to date*, ora pela realidade escravista arcaica; ora pelos laços pessoais do favor, ora pela estrita e impessoal racionalidade econômica capitalista. Através desse processo, o autor conseguiria, ao mesmo tempo, harmonizar-se com o esteticismo contemporâneo dos países adiantados, caracterizados pelo “elitismo bufo, da irresponsabilidade assumida e nobilitada, do culto ao diletantismo e ao próprio eu, em espírito antissocial” (2012c, p. 176), e, ao mesmo tempo, com o realismo crítico, produzindo, nessa mimetização fiel da ideologia da classe dominante brasileira, uma espécie de “sensação comparável àquela ocasionada pelo... objetivismo flaubertiano.” (2012c, p. 184) Daí que a volubilidade apareça então como resolução formal da efetiva situação das ideias fora do lugar, expondo-as em toda sua situação de irresolução, desaprovando, a uma só vez, nosso estado atual e o suposto estado avançado a que almejaríamos, tal qual formulado pela ideologia liberal “avançada”.

Já Wisnik, em sua análise de “Um homem célebre” – conto em que Machado descreve a infeliz trajetória do músico popular Pestana, que sonha chegar à glória sublime da música clássica europeia, mas que, por uma espécie de determinação congênita, acaba invariavelmente caindo em buliçosas polcas – joga suas fichas no “logro”, em seu duplo e contraditório sentido de irrealização e conseguimento – uma variante, como se vê, do veneno-remédio contido na antiga expressão do *phármakon* grego, da qual se apropriou o autor para descrever o país. O “logro”, aqui, cumpre, de certa maneira, o papel de “princípio mediador” que, na concepção crítica de Schwarz, é o nome “que tornará mais ou menos convincente a continuidade entre forma literária e forma social” (2012b, p. 139) – correspondendo, portanto, à “volubilidade” na crítica schwarziana de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e à “dialética entre ordem e desordem” na crítica candidiana de *Memórias de um sargento de milícias*; o “achado crítico, em que a relação interna e discriminada entre os âmbitos [forma literária e realidades históricas pertinentes] acrescenta à inteligência dos dois.” (SCHWARZ,

1999, p. 29) Importa notar que a “realidade histórica pertinente” privilegiada por Wisnik foi a da situação da música popular brasileira do final do século XIX, estando o drama analisado, portanto, “num terreno ironicamente escorregadio: o das relações entre o popular e o erudito no Brasil.” (2004, p. 17) E como se viu, é nos momentos em que esses intercâmbios ocorrem, segundo o autor, que brilha a originalidade brasileira – possível apesar das barreiras, ou por causa das barreiras, que, nesses lances, se quebram. Ao lado do futebol e da literatura, a música popular testemunharia “uma das mais originais propostas do nosso esboço de civilização: a respiração fora do produtivismo sem trégua, a capacidade de comunicação entre lógicas múltiplas, e a leveza profunda.” (2008, p. 430) Naquele final do século XIX, Wisnik demonstra que a “polca” já estava longe de ser uma dança europeia, tendo sofrido diversas modificações que lhe introduziram elementos africanos e deram-lhe um caráter genuinamente local, o que fora constatado pelo próprio Machado, numa crônica anterior ao conto. Se o escritor ainda utilizava o termo “polca”, e não o já mais apropriado “maxixe”, o fazia por decoro, dadas as implicações baixas e raciais associadas ao termo. Mas ao mesmo tempo, segundo o crítico, desvelava subliminarmente elementos que sugeriam a complexidade da situação, e não poderiam lhe ser completamente indiferentes, já que neles se insinuaria a questão da mestiçagem: “Machado de Assis parece chancelar ambigualmente o recalque das implicações socioculturais e raciais da polca-maxixe, ao mesmo tempo que as desvela, sutil e incisivamente, [...]. Guarda, aqui, no entanto, uma distância e uma proximidade toda própria na relação com o assunto, porque ele envolve uma questão nunca tratada de frente em sua obra, e que lhe concerne intimamente: a mestiçagem.” (2004, p. 33)

Assim, Wisnik vê em Pestana, longe de apenas uma individualidade em crise, “um índice gritante de cultura, um sintoma exemplar de processos [...] que são muito mais complexos do que a leveza dançante da narrativa faz supor de imediato.” (2004, p. 18-19) Em seus diversos textos sobre música popular, o autor costuma constatar a enorme vitalidade desta, que, mesmo diante das enormes pressões do mercado, da cultura oficial e outras, lograria sempre não se reduzir a elas, ainda que assimilando-as, mantendo sua força. É essa mesma força que ele parece constatar no conto de Machado, em nossa nascente música popular urbana do século XIX. Após citar um trecho em que o escritor descreve o processo composicional de Pestana, o crítico conclui que “a congenialidade daquelas peças dispõe do valor inestimável da espontaneidade, beirando

enviesadamente o genial, [...], malgrado as alienações da publicidade, da mercantilização e da fetichização da arte, e para além da depreciação que as submete o próprio compositor.” (2004, p. 20)

Se tanto à “volubilidade” quanto ao “logro” se pode aplicar a ideia de “achado crítico” que articula a forma literária à forma social, devemos contudo admitir que o que o achado encontra difere, em cada caso. Para Schwarz, a volubilidade parece contribuir para uma compreensão da totalidade da obra, enquanto, para Wisnik, o logro parece apontar para uma ambiguidade que atravessa o conto, sem, no entanto, esgotar-lhe o alcance. Não que a ambiguidade não esteja presente no primeiro caso; pelo contrário, ela constitui-lhe o próprio cerne. Mas tem-se a impressão que, encontrado o achado, ele serve a uma visão fechada da articulação entre obra e sociedade: temos uma mimetização do capricho que caracterizaria a mentalidade de nossa classe dominante, transformada em recurso literário; tal recurso serve para a dissociação entre autor e narrador, o primeiro emitindo um juízo crítico com relação ao segundo, desqualificado pelo próprio discurso. Em cada trecho da minuciosa análise do texto, tal visão geral parece encontrar confirmação. No segundo caso, em compensação, temos uma ambiguidade que parece atravessar o relato, a música e a própria crítica, mantendo-a em aberto, transitando entre sucesso e fracasso, popular e erudito, Europa e África (em território nem africano nem europeu); sem que esse vaivém seja considerado apenas um discurso volúvel que desautoriza a si mesmo colocando-se permanentemente no nível da crítica que condena essa mesma indefinição, mas colocando-se no ponto de vista da própria ambiguidade sem solução, observando-lhe as lamentáveis incongruências, mas também colhendo as flores que desse mal que é nossa formação social, contudo, brotam, ficando a impressão de que o conto mais abre possibilidades do que encerra uma crítica.

Talvez uma passagem pela “viravolta machadiana” sirva para iluminar essa questão. Roberto Schwarz afirma que os romances da primeira fase de Machado “exploram os dilemas do homem livre e pobre numa sociedade escravista, onde os bens têm forma mercantil, os senhores aspiram à civilização contemporânea, a ideologia é romântico liberal, mas o mercado de trabalho não passa de uma hipótese no horizonte.” (2012c, p. 224) Tratar-se-ia, em geral, de “heroínas pobres, inteligentes e lindas – além de muito suscetíveis” que fariam frente “à injustiça de que eram vítimas, ou seja, manobravam para se fazer adotar por um clã abastado.” (2012a, p. 257-258) A grande virada, que marcaria a passagem de um escritor mediano ao grande gênio da literatura



universal, estaria na ideia de “delegar a função narrativa ao anterior adversário de classe, aquele mesmo que não sabe, segundo seus dependentes esclarecidos, o que sejam dignidade e razão.” Desse modo, o quadro seria o mesmo, em ambas as fases, mas o que antes era assunto, torna-se forma: “as oscilações do proprietário duas caras, civilizado à europeia e incivil à brasileira, ou cordial à brasileira e objetivo à europeia – [...] – se tornam o próprio ritmo ou a própria forma da prosa, condicionando o mundo ao compasso de sua inquietação.” (2012a, p. 269) Assim, se a forma literária encontra na visão da classe proprietária uma solução estética satisfatória que eleva em muito o padrão da obra, transformando-lhe profundamente, teríamos, no entanto, do ponto de vista do Schwarz, um mesmo Machado crítico de uma mesma situação de iniquidade e arbitrariedade, apenas sua crítica atingindo, agora, um refinamento e uma profundidade que fazem as anteriores soarem ingênuas.

Também em Wisnik vemos uma passagem de uma primeira fase ingênuas a uma segunda mais complexa, mas não se trata apenas de uma mudança do foco narrativo, apontando antes para uma compreensão mais profunda do próprio Machado da condição da música e do músico no Brasil. Ressalvemos que aqui, mais uma vez, ao contrário de Schwarz, que faz uma análise geral da “viravolta”, levando em conta toda a obra, Wisnik apenas compara “Um homem célebre” a um conto da primeira fase que também tinha como tema central a música: “O machete”. Nele, temos um triângulo amoroso formado pelo violoncelista Inácio Ramos, sua mulher Carlotinha e Barbosa, o tocador de cavaquinho. Há aqui uma cisão completa entre o popular e o erudito: “Faz-se uma clara afirmação da superioridade moral, intelectual e espiritual do violoncelista sobre o cavaquinista, um ‘espírito medíocre’, avesso a qualquer ideia, com mais nervos do que alma, e cuja perícia instrumental se combina com exibicionismo puro.” (2004, p. 22) Pode-se facilmente enxergar em Inácio uma variante das “heroínas pobres, inteligentes e lindas”, lutando contra as injustiças de que era vítima; aqui, porém, não do arbítrio do paternalismo, mas sim da ingloria defesa da “grande arte” num país sem cultura – situação à qual se ligava Machado, praticante de literatura num país majoritariamente iletrado. Em “Um homem célebre”, no entanto, “os mundos da música erudita e da música popular aparecem confundidos, [...], com resultados burlescos.” (2004, p. 22) Ora, o que temos aqui não é uma mudança de ponto de vista, mas do próprio entendimento das relações entre popular e erudito na música do Brasil. O que era – e é – um dado da realidade, diga-se, e Wisnik dá fartos exemplos a respeito (não só nesse

texto). O popular e o erudito estão aqui personificados num só músico. Que fracassa e tem sucesso ao mesmo tempo. Que não deixa de ser um “bom moço”, de cujos ideais elevados não se pode, na maior parte, duvidar, nem tampouco da espontaneidade e autenticidade presente na composição de suas polcas, ainda que as despreze. A introdução da figura do padre-pai-músico – único a figurar, no “altar” do piano de Pestana, ao lado dos grandes nomes da música universal – acrescenta mais um elemento de complexidade ao arranjo. Tal figura correspondia a exemplos reais, e Machado tinha conhecimento disso. A exposição de nossa condição paradoxal é aqui, além ou antes de crítica, congênita. O dilema aparece mais aberto que sintetizado como crítica da falta de síntese satisfatória.

Desse modo, se se quiser jogar a interpretação de um crítico contra a de outro, a ambiguidade, que fica aberta em Wisnik e fechada como procedimento crítico em Schwarz, contaria pontos a favor do primeiro, do ângulo que costuma ver no segundo certo caráter excessivamente sistematizante, ideologizante e, por essa via, reducionista. Com alguma maldade, talvez possamos encontrar no texto de Wisnik uma crítica nesse sentido. A certa altura de seu texto, comentando os estudos adornianos a respeito da música, afirma que “O que conta como déficit, aqui, para o estudo do nosso assunto é a relativa exterioridade da oposição dialética entre as duas figuras polares [Schoenberg e Stravinski] que, se pensarmos nos textos de Machado, nos remetem antes a um ‘O machete’ revisitado pela densidade alemã do que propriamente às complexidades ambivalentes de ‘Um homem célebre’.” (2004, p. 94-95) Por mais que a música seja o assunto dos dois contos em questão, se a ideia é recair sobre a interpretação de Machado, é de se perguntar por que Wisnik não aborda os textos de Adorno sobre literatura, em vez de música. Talvez a intransigência de Adorno seja aqui mais explícita, e tenha contribuído para a escolha. De qualquer modo, a volta pela filosofia alemã parece manter o decoro para não nomear o vizinho de departamento ao qual a crítica talvez verdadeiramente se destine: não haveria em Schwarz a mesma dialética excessivamente polarizada, espécie de “jogo de exclusões, de preto vs. branco, de mentira vs. verdade, de narrador vs. autor”, incapaz de ver “um movimento de inclusão de Brás Cubas em Machado de Assis.”? (BOSI, 2007, p. 40)

Para continuarmos no ambiente uspiano, José Arthur Giannotti, em debate com Schwarz, afirmou: “A minha questão é que eu não creio que a obra de Machado tenha essa unicidade e univocidade que você deseja. Eu acho que o Machado é muito mais

ambíguo”. (MACHADO, 1991, p. 67) Talvez tão relevante quanto “unicidade e univocidade” seja o “que *você deseja*”. Como se Schwarz projetasse sua concepção da experiência histórica brasileira sobre o autor, e o fizesse repeti-la em sua obra. O próprio crítico admite que, para que se compreenda sua análise das *Memórias póstumas*, “Seria o caso de falar em forma latente, por oposição à forma ostensiva.” (2012c, p. 172) Isso porque, embora a correspondência entre comportamento narrativo e quadro social não esteja explicitamente afirmada no texto, nela estaria a chave de leitura capaz de lhe dar coesão. Dizer que Schwarz faz Machado falar o que não disse, no entanto, não é tarefa fácil, dado o minucioso estudo que encontra convincentemente nos mínimos trechos a confirmação de sua tese geral.

Com relação a Wisnik, convenhamos, a mesma acusação de projeção de suas próprias convicções no texto machadiano pode ser posta. Mas aqui, ao menos no aspecto que vimos discutindo, é menos grave, já que ele não parece se propor a encontrar uma chave que encerre uma compreensão totalizante do texto, mas sim uma que lhe reconheça a complexidade, fazendo-o vibrar em ressonância com nossa formação histórica, lançando no ar ondas que exigem ouvidos atentos para se decifrar o que ele ainda poderia nos dizer. Mas é justamente esse aspecto que talvez o torne alvo da crítica dialética, que pode tomá-lo como um exemplo de “certo ensaísmo que vê tudo em tudo. Utopia dos descendentes de Brás Cubas.” (ARANTES, 1992, p. 107) O próprio Wisnik afirma que “quando sugiro níveis das obras de Machado e Rosa como ligados a um suposto ‘lugar fora das ideias’, que elas também exploram, suponho não estar embarcando simplesmente, como os antepassados de Brás Cubas, nas asas de um quiasma.” (2008, p. 529) Podemos supor com alguma segurança que, na opinião de Roberto Schwarz, está. Comentando o ensaio de Wisnik sobre o texto de Machado, Luis Augusto Fischer (2008, p. 6) observa que

O ensaio é encantador, no bom sentido, por levar o leitor para zonas de pensamento não-cartesiano mediante passagens charmosas, mas também no mau, por obrigá-lo a acompanhar o fluxo da reflexão sem poder medi-lo em relação a um propósito claro, que não há; assim, sem oferecer clareza quanto ao destino desejado, em parte ele mina as possibilidades de debate, por não expor seus interesses de conhecimento; e essa omissão, que, repito, tem lá seus encantos, só se vê quando se pergunta, por exemplo, pelas escolhas teóricas mais fundas, mais radicais.

O próprio texto de Wisnik, assim, parece ser visto sob a ótica de um “logro complexo”. E como não observar também, nesse “encanto”, algo da volubilidade de Brás Cubas? John Gledson, na resenha que mencionamos em nota anterior, conclui que

O que emerge, creio, é um crítico cuja preocupação com a criação o leva a aceitar uma certa indecisão, ou até contradição, nas suas conclusões, visto que a criação muitas vezes relativiza as suas conclusões mais negativas, por mais que pareçam basear-se nas evidências ou na *force majeure* do mundo do capitalismo mais ou menos globalizante. [...]. Muitas vezes há nesta atitude um nacionalismo implícito, ou pelo menos um orgulho do poder criativo de certos brasileiros, sobretudo na área da música, de confundir as expectativas e de resistir a pressões aparentemente irresistíveis. (2005, p. 192)

Pela admissão dessas contradições no próprio pensamento – talvez necessárias para a manutenção da visão positiva que mantém, *malgré tout*, de nossa experiência histórica – pelo nacionalismo implícito, pelas fichas que aposta à mancheia no “poder criativo” brasileiro, talvez pudéssemos encontrar a principal crítica a se fazer a Wisnik, do ponto de vista de Schwarz. E aqui, seria talvez mais simples nos apegarmos não aos livros deste sobre Machado de Assis, mas sim ao ensaio *Cultura e Política, 1964-1969*. (2008, p. 70-111), no qual, dentre outros aspectos, faz uma análise do movimento tropicalista. Este, para ele, expunha nossos anacronismos “à luz branca do ultramoderno, transformando-se o resultado em alegoria do Brasil.” (2008, p. 87) Resultando, nas palavras de Paulo Arantes (1992, p. 33), num caso de “duplicidade de critérios”, desprovido de “desenvolvimento e síntese”, na “mesma linhagem dos movimentos sem progresso da consciência nacional dividida”. Não será vão assinalar, aqui, que José Miguel Wisnik considera-se um tropicalista. (apud MONTEIRO, 2010, p. 210) Ora, não poderíamos ver no “lugar fora das ideias” apenas um momento em que, alternando-se com aqueles em que “conta unicamente o metro internacional que nos diminui e rebaixa”, passa a valer o “apego sentimental à profundidade histórica do traço localista que desacredita a pretensa superioridade do padrão cosmopolita”? (ARANTES, 1992, p. 33)

Ao posicionar-se diante dos clássicos de interpretação nacional, Wisnik identifica dois paradigmas básicos: o de Caio Prado Junior (seguido por aquilo que ele chama de “sociologia paulista”, no qual certamente poderíamos localizar Schwarz, embora Wisnik não o mencione), que recairia sobre “a identificação do atraso e do deslocamento brasileiro na ordem mundial, sem privilégio para originalidades culturais populares, consideradas pouco relevantes no quadro econômico e político” (2008, p. 411), e o de Gilberto Freyre (que encontraria parentesco entre os modernistas e os tropicalistas), que postularia e vislumbraria “um potencial libertário e redentor nessa conjuração de horror e maravilha que é o Brasil” (2008, p. 416). Embora clame pela necessidade de superar essa dualidade como pré-condição intelectual para que qualquer

mudança efetiva possa vir a acontecer no país, não há como negar que é difícil não localizar os pés do próprio crítico presos ao segundo paradigma. Por mais que incorpore as críticas presentes do primeiro, procurando evitar um nacionalismo mais ingênuo ao adotar uma espécie de otimismo trágico que, sem poder negar a pertinência das calamidades erigidas por nossa experiência histórica, clama pela realização das potencialidades que, apesar dela, puderam se vislumbrar por aqui, ao menos no futebol, na música e na literatura. O trabalho intelectual do literato parece insistir nessas teclas como que na esperança de que seus exemplos pudessem ser transferidos para o todo da sociedade.

Enfim: entre a volubilidade das ideias fora do lugar e o logro complexo do lugar fora das ideias, onde cravar o Machado? Ainda que se concorde que o ponto central estaria no contraditório processo de formação da cultura brasileira, a questão parece repousar sobre o indecível. A cada um de deixar-se embalar pelo negaceio da polca buliçosa, ou observá-la do Grande Hotel Abismo.

## Referências

ARANTES, Paulo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: Dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13-22. Disponível em:

<[http://minhateca.com.br/wagnerjunior1/A+vida+ao+r\\*c3\\*a9s-do-ch\\*c3\\*a3o++Antonio+Candido,85913992.pdf](http://minhateca.com.br/wagnerjunior1/A+vida+ao+r*c3*a9s-do-ch*c3*a3o++Antonio+Candido,85913992.pdf)>. Acesso em: 26 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

FISCHER, Luis Augusto. Wisnik encanta em ensaio sobre Machado e música. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 08 nov. 2008, Ilustrada, p.6. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0811200816.htm>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

GLEDSON, John. Polcas aos poucos. *Novos Estudos - CEBRAP*, São Paulo, n. 72, jul., p. 191-197, 2005. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002005000200011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002005000200011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 25 ago. 2014.

GUARDINI, Sandra T. Vasconcelos. *Roberto Schwarz, um leitor radical de Machado*. Disponível em: <  
www.casa.cult.cu/centroinvestigaciones/eventos/.../sandraguardini.doc  
>. Acesso em: 26 nov. 2014.

MACHADO de Assis: um debate. Conversa com Roberto Schwarz. *Novos Estudos - CEBRAP*, São Paulo, n. 29, mar., p. 59-84, 1991. Disponível em:  
<[http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/63/20080624\\_m\\_a\\_um\\_debate\\_roberto\\_schwartz.pdf](http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/63/20080624_m_a_um_debate_roberto_schwartz.pdf)>. Acesso em: 26 nov. 2014.

MONTEIRO, Pedro Meira. O modernismo entra em campo: o caso Wisnik. *Tempo Social*, Brasil, v. 22, n. 2, p. 187-216, dez. 2010. Disponível em:  
<<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12645>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.

\_\_\_\_\_. *Martinha versus Lucrecia*: ensaios e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2012a.

\_\_\_\_\_. *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *Sequências brasileiras*: Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 2012b.

\_\_\_\_\_. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2012c.

WISNIK, José Miguel. *O som e o sentido*: uma outra história das músicas. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Sem receita*. São Paulo: Publifolha, 2004.

\_\_\_\_\_. *Veneno remédio*: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.